

## ESCRITAS MÍNIMAS, MÚTIPLAS COMUNS: LITERATURA E DIVERSIDADE

Shirley de Souza Gomes Carreira<sup>1</sup>

Paulo Cesar Silva de Oliveira<sup>2</sup>

No ano de 2003, João Gilberto Noll publicava *Mínimos, múltiplos, comuns*, obra inclassificável catalogada como coletânea de contos. Noll receberia o Prêmio Jabuti de 2004, pelo trabalho, em que constavam 338 relatos curtos, de não mais do que 130 palavras cada. Mais do que a aventura estrutural, do exercício de uma poética do mínimo que visava a concentrar o máximo de fala e de visão de mundo da estraneidade, a estrutura barroca do livro, bem ao gosto de Noll, descortinava para os leitores um mundo de fragmentos que era ao mesmo tempo religioso e mundano. Noll partia do Gênesis e seguia pelo Verbo, pelos Elementos, pelas Criaturas pela prosa do Mundo, finalizando com o Retorno. Trata-se de uma estrutura cosmogônica, cujas divindades são sujeitos inominados, demasiadamente humanos, incompletos; um mundo de seres em movimento, de diversidade e fronteiras, de tempos e espaços estilhaçados que, de muitos modos, prenunciavam nossos tempos de agora, neste igualmente estranho final de 2019, em que escrevemos. Em um dos microcontos, “Fronteiras”, o narrador nos conta:

Quando na esquina ergui o braço, suspeitei não estar mais no dia que eu dava como certo. Senti uma fisgada a cortar a tarde pelo meio, a tarde agora em completo desalinho, sem face definida, ora me deixando como que solto do quadro, ora me integrando tanto a tudo que eu me lançava em instintivas braçadas, tentando uma evasão. Parou um táxi. Entrei. Não consegui indicar o rumo ao motorista. Falei apenas que me levasse. Que no caminho eu lembraria. E ele foi me levando muito lentamente, meio curvado, olhos comprimidos, como se estivéssemos a ponto de ultrapassar uma linha delicada, sim... uma fronteira...

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela UFRJ, Professora Adjunta do Departamento de Letras da FFP/UERJ, Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ / FFP. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da Diversidade (UERJ). RJ, Brasil. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professor Adjunto de Teoria Literária da FFP/UERJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ / FFP. Vice-líder dos Grupos de Pesquisa CNPq "Nação e Narração" (UFF) e "Poéticas da Diversidade (UERJ). Bolsista do Programa Prociência/FAPERJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. RJ, Brasil. E-mail: paulo.centrorio@uol.com.br

Neste fragmento, encontramos algumas das características essenciais da obra de Noll: um eu sem nome, sem bússola e fora do tempo, que sabemos ser sempre presente, mas um presente não localizável ou historicizado: apenas um homem, uma caminhada, o movimento, cruzamento de uma fronteira. Talvez possamos dizer que Noll foi o escritor da mobilidade, das fronteiras, que representou sujeitos sem rosto ou identidade, suas angústias e suas tragédias. Mas também é certo que nessa busca ele acabou tocando o mínimo, privilegiando o sujeito inominado que representava uma época de intensa fragmentação e que hoje se encaminha ameaçadoramente para um retorno às formas tirânicas e do mal, que em nosso passado histórico recente descambou para a proliferação das barbáries. Pensar esses sujeitos mínimos, que representam, na verdade, as múltiplas faces de um mundo que queremos preservar, o da diversidade e da mobilidade – promessas da modernidade – é a proposta deste dossiê, que agora os leitores têm em mãos.

Diante do contemporâneo, propusemos pensar alguns desafios do discurso literário frente à questão dos diferentes, desiguais e desconectados; dos alijados da globalização de fábula e das vítimas de catástrofes e ditaduras. Esta coletânea de artigos reflete a necessidade da crítica que toma o literário como jogo reflexivo com o mundo e que, por isso, é essencialmente política. Assim como propôs João Gilberto Noll, ao longo de sua obra extensa e essencial, trata-se de compreender o lugar dos sujeitos em um mundo abissal que tem na literatura uma das formas de desassossego que busca revolver os meandros do abismo. A ficção contemporânea, de muitas maneiras, é desassossegada como a prosa de Noll; é fronteira, migrante, movente, trágica e barroca. Múltipla e mínima, a literatura contemporânea fala do comum a todos nós: de nossa humanidade em risco, de nosso desejo de sermos plenos onde predomina a fragmentação, a diluição do tempo-espço; de buscarmos saídas para impasses que nos ameaçam lançar de novo na história de catástrofes que pensávamos ter superado. A literatura é, portanto, mais do que nunca, fundamental.

Assim sendo, os artigos aqui reunidos são como que pequenos estilhaços do espelho quebrado que é a nossa consciência contemporânea. Não reconstituiremos o espelho colando os cacos, mas os estilhaços revelam as múltiplas e mínimas formas de se pensar o agora, mesmo diante de nossa irremediável incompletude. É dessa matéria que se faz a força do hoje: buscar no mínimo do homem, na imensidão dos desafios que nos rodeiam, o traço de união que nos faz ser-com, ser-com-o-outro, ser-com-o-mundo. Incompleta, essa coletânea de trabalhos mira o sonho impossível do todo tão bem expressa na obra de Noll por intermédio

de seus personagens, habitantes das fronteiras, andarilhos, sujeitos migrantes que cruzam o mundo estranho e ao mesmo tempo fascinante em que vivemos.

O dossiê apresenta sete artigos e o número se completa com mais três que compõem a sessão vária. Em, “A vida é um eterno amanhã: autoficção e descentramento na crônica de João Ubaldo Ribeiro”, primeiro artigo do dossiê, Débora da Silva Chaves Gonçalves e Fernanda Aquino Sylvestre discutem a autoficção como um processo identitário e como uma revisitação do sujeito ao lugar do outro. No artigo, elas analisam a visão que o autor tem de si no desenvolvimento da crônica e como ela se modifica ao alcançar o leitor por meio de uma troca entre ele e o autor.

Em “Ironia e subjetividade: a resistência feminina na novela “Une journée dans la vie de Augustine Amaya” de Emmanuel B. Dongala”, Gisele Pimentel Martins e Maria Suzana Moreira do Carmo partem da ironia socrática, na perspectiva de Kierkegaard, para demonstrar como, assumindo a função de estratégia artística, a ironia é capaz de provocar o esvaziamento de discursos absolutos e de instaurar a desconfiança frente às verdades estabelecidas.

Felício Laurindo Dias, em “Uma literatura em direção às ruínas: as tragédias de Michel Laub”, busca demonstrar que, na obra de Michel Laub, cujo foco temático são as tragédias pessoais e históricas do homem comum, os eventos traumáticos da história trazem uma reflexão crítica sobre a condição trágica do ser no mundo.

“World Literature hoje: por uma ética da hospitalidade”, de Larissa Fidalgo, consiste em uma reflexão sobre as implicações éticas e políticas do retorno do conceito de *world literature* nos estudos literários. Para a autora, ele corresponde a um *ethos* de acolhida da alteridade, uma negociação entre o familiar e o estrangeiro, no sentido em que Jacques Derrida (2003) usa a ideia de hospitalidade para falar sobre o reconhecimento do Outro dentro de uma relação interativa e transversal constituída por diferentes possibilidades de trocas.

Em “Formas de voltar a Alejandro Zambra: em torno de um projeto criador”, Paulo César Silva de Oliveira aborda os três primeiros romances de Zambra, *Bonsai* (2006); *A vida privada das árvores* (2013); e *Formas de voltar para casa* (2014), para comprovar que em sua narrativa, o autor desdobra questões já desenvolvidas em sua poesia, ou seja, as relações entre escrita, autoria, texto, real, ficcional e o papel do leitor nessa rede de significantes e significados. Na análise, Oliveira focaliza mais detalhadamente o último dos três romances e o modo como este enseja uma reflexão sobre a história e as formas de Zambra voltar a ela.

“Fiapos da narrativa em João Gilberto Noll”, de Sandra Ferrari, toma por base a obra *Mínimos Múltiplos Comuns*, de João Gilberto Noll, que configura sua estrutura narrativa “mínima”, de forma híbrida, heterogênea e inacabada, para tratar o discurso em prosa como abstração da realidade intemporal, verificando de que forma a voz do narrador pode ser instrumento de interferência, ruptura e transformação da estrutura da narrativa.

Em “O fora é sempre o outro: espaço e alteridade em a ocupação, de Julián Fuks”, Shirley de Souza Gomes Carreira parte da relação entre espaço, singularidade e alteridade para discutir o conceito de literatura ocupada e demonstrar que, ao resistir à tentação de elaborar uma literatura puramente autoficcional, o autor desloca o olhar para fora, convocando a presença e outras vozes que se misturam à do narrador e à do seu mentor literário, Mia Couto.

A sessão vária se abre com o artigo ““Mineirinho”: Clarice Lispector é atingida por um grito marginal”, de Bárbara Artuzo Simabuco e Edgar César Nolasco, em que os autores demonstram que Clarice Lispector apresenta um olhar diferenciado em relação aos criminosos, seres duplamente marginalizados, na narrativa “Mineirinho”, uma vez que a execução de José Miranda Rosa, vulgo Mineirinho, pela polícia, suscita na autora sentimentos conflitantes em relação ao poder e à justiça.

No artigo ““Menina dos olhos verdes” (1595): uma leitura em três etapas”, Nágela Neves da Costa e Clarice Zamonaro Cortez propõem uma leitura do poema de Camões referenciado no título segundo as três etapas de interpretação propostas por Hans Robert Jauss em *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*.

Encerrando o número, “Diadorim: a performance de uma identidade não normativa”, de Rosane Lopes Correa, Daniele Ribeiro Fortuna e Fabiana Bazilio Farias, em perspectiva interdisciplinar, discute a questão da identidade da personagem, que foge aos padrões heteronormativos e apresenta uma performance de gênero que não se enquadra nas práticas sociais previamente estabelecidas.

O conjunto de textos que compõe este número perpassa questões inerentes à complexidade do fazer literário ante as demandas do mundo contemporâneo. Tanto no dossiê como na seção vária o foco é a relação entre literatura e diversidade, o exercício de olhar para fora, para o Outro e com o Outro.